

Resenha

ALMEIDA, Ronaldo. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, 152p., ISBN 978-85-78160-34-0.

*Ana Carolina Capellini Rigoni**

*Hugo Ricardo Soares***

Ronaldo de Almeida é antropólogo, professor doutor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e se destaca por seus estudos sobre religiões contemporâneas. O livro, lançado em 2009, originou-se a partir de sua dissertação de mestrado, realizada sob a orientação da professora Alba Zaluar, na mesma instituição em que hoje leciona, e se trata de uma etnografia sobre uma das igrejas em maior ascensão no campo religioso brasileiro nas últimas décadas: a Igreja Universal do Reino de Deus (doravante, somente IURD).

Para demonstrar o funcionamento desta denominação, além de uma rigorosa observação participante dos cultos da instituição o autor lança mão da análise de imagens georeferenciadas para pensar as estratégias de disposição espacial de seus templos nos centros urbanos. Almeida ainda volta a sua atenção para dados referentes aos usos dos meios de comunicação pela IURD (utilizados com fins proselitistas) e a inserção de seus líderes na política nacional.

Percebe-se como pano de fundo metodológico do trabalho um estruturalismo velado, sem grandes anunciações, mas rigorosamente aplicado ao material de análise, o que permite pensar a presença da IURD em diferentes escalas de atuação: sua dinâmica ritual e inversões simbólicas, a forma como institui e estabelece sua “guerra santa” contra outras religiões, a maneira como suas estratégias de expansão e conversão funcionam e como e porque ela se insere de forma cada vez mais presente no cenário político nacional. Deslizando entre estes diferentes níveis do “fenômeno” IURD, Almeida consegue extrapolar os limites da análise do simbolismo estritamente religioso e mostrar quão complexa é a atuação desta Igreja no contexto brasileiro mais geral.

* Mestre e doutoranda em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Correspondência para/ Correspondence to: Ana C. Rigoni, Rua Constância Reis Lopes, 37, Vl. Independência, Barão Geraldo, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <anacarolinarigoni@yahoo.com.br>.

** Mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: <hrsoares@hotmail.com>.

O capítulo um, relatando a história do pentecostalismo no Brasil, aponta para um primeiro argumento: as denominações pentecostais se expandiram e se diversificaram ao longo do século XX no cenário religioso brasileiro a partir de dissidências e disputas ocorridas entre os pastores e bispos no seio de suas próprias igrejas. Para além da configuração no plano institucional o autor discute como se dá a expansão pentecostal na dimensão das relações sociais entre os fieis. Este é um argumento fundamental na construção metodológica do livro, pois, de certa forma, justifica as particularidades descritas com relação às formas de operar da IURD em oposição a outras igrejas evangélicas de maior reconhecimento no Brasil. O autor usa como exemplo a oposição entre a IURD e a Assembleia de Deus, pois estas se estruturam sob bases de sociabilidade distintas. Almeida explica que, de maneira geral, o crescimento pentecostal ocorreu de forma mais acentuada entre as camadas mais pobres. Sendo grupos que se encontram em estado de maior vulnerabilidade social, a justificativa é a de que as igrejas evangélicas exercem papel fundamental na forma como criam e gerem as redes de solidariedade e sociabilidade entre eles. No entanto, embora os membros confessos da IURD sejam em geral pobres, seus templos não se encontram nas regiões de maior vulnerabilidade social, como o que ocorre com os da Assembleia de Deus. Os templos da IURD são construídos em lugares com intensas dinâmicas urbanas estabelecidas e não é por acaso que eles se encontram próximos a terminais de ônibus e pequenos centros comerciais. Estas diferenças de localização dos templos implicam numa oposição entre as redes de sociabilidade construídas nas congregações mais tradicionais (onde há uma série de atividades e interações que extrapolam o plano da religiosidade) e entre aquelas que o autor denomina de “igrejas de passagem” (caso da IURD), nas quais os laços societários são muito menos densos.

Para o autor, “se a disposição dos templos da Universal revela uma estratégia espacial, o que ocorre em seu interior demonstra como ela se amplia simbolicamente” (p. 56). Isso ocorre a partir de um confronto simbólico explícito com outros segmentos não evangélicos, principalmente com as religiões afro-brasileiras. Neste processo, a IURD constituiu-se em relação ao universo simbólico de seus adversários, incorporando alguns de seus elementos simbólicos, ficando, desta maneira, um pouco “parecida” com as religiões combatidas. Hipótese esta que será confirmada ao longo dos próximos capítulos, a partir da descrição etnográfica.

O segundo capítulo, intitulado “Diabo no Templo”, é o mais etnográfico. Nele é apresentada uma importante constatação que será fundamental para desvendar o processo de (re)significação de elementos de outras religiões com os quais a IURD opera: a centralidade do diabo nos cultos. Almeida inicia a descrição do campo falando sobre as características do templo e sobre os cultos que se destacam na Igreja. O autor enfatiza o culto da libertação (dedicado aos exorcismos e à libertação dos espíritos malignos que povoam o panteão do candomblé e da umbanda). O texto destaca a associação das religiões mediúnicas a um passado pecaminoso e de infortúnios, superado somente com a adesão à IURD.

Para além da riqueza de detalhes sobre o ritual, o ponto central na interpretação do culto encontra-se na constatação do autor sobre o fato de que a problematização do sofrimento e a oferta de “libertação” do mesmo constituem o eixo central para a compreensão do culto e, mais do que isto, para a compreensão do conflito religioso explicitado. Almeida é categórico ao afirmar que para a IURD não existe meio termo: o mundo está dividido entre pessoas “libertas” e “não-libertas”, as últimas vivem sob a ação contínua do diabo (possessão). A culpa é, portanto, terceirizada.

O momento em que o exorcismo ocorre é denominado pelo autor como “guerra santa”. Esta é a parte do culto em que as entidades são obrigadas a dizer seu nome para o bispo exorcista. Estes nomes são sempre de entidades do panteão afro-brasileiro (Pombagira, Exu-Tranca Rua, Caboclo, etc). Mas, apesar das diferentes nomeações utilizadas, no final as entidades se reduzem a um único nome: Satanás. Na argumentação do autor, este momento da nomeação é um dos mais importantes do culto no que diz respeito ao entendimento não só da dinâmica interna como de toda a religiosidade que a IURD inaugurou no campo religioso brasileiro. Afinal, a possessão não se trata apenas da “manifestação” do diabo, mas, principalmente, da associação deste com as divindades que são cultuadas por uma parcela significativa da população brasileira. Almeida nos mostra, portanto, que uma disputa que se dá no campo religioso brasileiro é representada ritualmente nos cultos da IURD. Disputa esta que transcende o plano do simbolismo se concretizando em vilipêndio aberto contra, principalmente, as religiões afro-brasileiras.

No capítulo 3, intitulado “Trânsito das Entidades”, o autor usa a ideia de “trânsito” para explicar o movimento de incorporação, assimilação e re-significação que a IURD faz com elementos de outras religiões. Atualmente, o autor vem refinando mais este conceito, mostrando como ele pode ser útil para investigações sobre a reformulação e a dinâmica do campo religioso atual (pelo menos o brasileiro).¹

Na descrição minuciosa do culto de libertação o autor destaca a ênfase dada pelos pastores e obreiros ao sobrenatural e aos malefícios resultantes da vivência em outros tipos de religiosidade. Para os membros da IURD o que acontece nos terreiros é qualitativamente verdadeiro, ou seja, não há questionamento com relação à eficácia de um feitiço. No entanto, somente a Igreja de Edir Macedo possui o mecanismo religioso capaz de neutralizar o “trabalho”. “E só a Igreja Universal tem essa solução, pois, como disse o pregador-exorcista, ‘macumba não desfaz macumba. Demônio não expulsa demônio’; só a libertação é capaz de tal feito” (p. 105). Com outro fraseado, a IURD reconhece a eficácia das outras religiões, mas não sua legitimidade.

Neste sentido, a IURD se aproxima da religiosidade combatida e se distancia do segmento do qual é fruto. Para Almeida, o que pode parecer óbvio é na realidade aquilo que dá originalidade à Igreja Universal no meio evangélico. O transe vivido no templo deixa de pertencer às religiões afro-brasileiras e passa a pertencer ao universo simbólico/ritualístico da IURD. Esta seria então uma religião “religiosófaga”, pois se “alimenta” de elementos simbólicos de outras Igrejas, sempre resignificando-os. Assim, por um sincretismo às avessas, a IURD combate aquilo que, em parte, ajudou a criar. Podemos dizer, portanto, que as religiões afro-brasileiras alimentam seu discurso religioso. “No limite, o pleno sucesso do proselitismo da Igreja Universal em relação às afro-brasileiras, já alcançado ritualmente, levaria ao seu fim” (p. 124). O que leva Almeida a concluir que esta relação de inversão/continuidade com as religiões afro-brasileiras é o mecanismo fundamental na constituição do seu discurso religioso.

No último capítulo o autor mostra como o crescimento da IURD no cenário nacional alterou significativamente a dinâmica do campo religioso brasileiro. Isso ocorreu através da expansão de sua atuação para além das práticas religiosas. Desta forma, elegendo membros da Igreja para cargos políticos e comprando a Rede Record, as disputas transcendem o campo religioso e passam para um

cenário midiático (agora a IURD fala de sua fé no “horário nobre” da TV). Assim, de forma bastante particular, a IURD vai angariando fieis, sempre objetivando a libertação do demônio, o combate às outras religiosidades e as disputas políticas e mercadológicas em que se envolve, agora também como empresa.

¹ Sobre o conceito de *trânsito religioso* ver: ALMEIDA, Ronaldo. Religião em transição. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz F. Dias (Org.). *Horizontes das ciências sociais: Antropologia*. São Paulo: Anpocs/Barcarolla, 2010, p. 367-405.

Recebido em 26/04/2011, aprovado em 29/04/2011.